

INIBIÇÃO, SINTOMA E ANGÚSTIA EM TEMPOS DA PESTE: REFLEXÕES SOBRE O DISPOSITIVO¹

Diana Rodríguez

"...é preciso ao menos que a peste se espalhe em Tebas para que esse 'todos' se torne imaginável e não só puro simbólico"²

O “para todos” da pandemia de COVID 19 reintroduziu no discurso um significante que a humanidade, pelo menos no Ocidente, assumia um significante do passado: a Peste.

O “para todos” da morte revela-se sobretudo como angústia, “(...) o sentimento que surge dessa suspeita que nos vem de nos reduzirmos ao nosso corpo”³

A angústia da pandemia não é um medo do medo. É o impacto no *parlêtre* de um real que “paratodeia” a morte.

Una epidemia que afecta los cuerpos en el terreno biológico y al sujeto en el campo del lenguaje.

Uma epidemia que atinge os corpos no campo biológico e o sujeito no campo da linguagem. Epidemia como um fato do discurso. Pandemia, coronavírus, confinamento, distanciamento social, nova normalidade; são significantes que infectam o discurso. Inoculando um sentido que oprime, inibe, impede o sujeito de se enlaçar aos gozos da vida.

Os vestígios do prolongado confinamento são lidos numa profunda dificuldade para voltar aos caminhos quotidianos.

No reverso, escuta-se o deboche vertiginoso da saída maníaca, que arrisca renovar a festa onde consumir os gozos do mercado, antes do próximo confinamento.

¹VIII CONGRESSO INTERNACIONAL DE CONVERGENCIA, MOVIMENTO LACANIANO PARA A PSICANÁLISE FREUDIANA. Barcelona, 24, 25, 26 e 27 de maio de 2023. Tradução em português: @letraducciones

² Jacques Lacan. *RSI: Seminario XXII (1974-1975)* —inédito— Versión crítica. Establecimiento, traducción y notas de Ricardo Rodríguez Ponte para la *Escuela Freudiana de Buenos Aires*. Clase Nro. 2 (17 de diciembre de 1974). A tradução é nossa.

³ Jacques Lacan. Conferência *A terceira* [1974]. Cadernos Lacan. Porto Alegre: APPOA, 2002. v. 2.

O que nós, analistas, podemos oferecer diante da realidade da pandemia e do confinamento?

Se a clínica é o real impossível de suportar, o desafio de nossa prática é renovar a aposta no desejo do analista, que suporta na transferência um discurso que orienta a cura, apostando na emergência do desejo em um sujeito dominado pelo confinamento e isolamento da “nova modernidade”.

A convocatória para este Congresso nos questiona. As sessões *online* tornaram-se mais difundidas. Quais são as consequências em nosso ato e na elaboração de nossos analisandos?

Há vários anos incluí no dispositivo analítico o recurso de sessões virtuais em determinadas situações.

Analisandos que voltam para suas cidades depois de anos morando em Buenos Aires, analisandos que se estabelecem no exterior. Aceito o pedido de sustento a transferência instalada após anos de trabalho analítico.

A sessão virtual é um recurso que valorizo também em determinados momentos do percurso, em situações que impedem a aproximação do analisando ao cenário do consultório.

Dado o confinamento que o confinamento impôs, não hesitei em oferecer a possibilidade de sustentar a cura no espaço virtual.

Um laço à palavra num tempo de desconcerto generalizado, uma aposta na intensão de sustentar a análise em curso, numa circunstância de incerteza e perplexidade.

Freud analisou em diferentes circunstâncias fora do dispositivo clássico. Lacan escandalizou a prática ao flexibilizar a enquadramento rígido da IPA.

Ele também alertou "(...) Que antes renuncie a isso, portanto, quem não conseguir alcançar em seu horizonte a subjetividade de sua época”⁴

⁴ Jacques Lacan. *Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise*. Em: *Escritos*. Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1998. pág. 322.

Uma época onde a vida na tela ameaça reduzir a possibilidade de cura do sujeito, a um aplicativo de *chatbot*.

Comecei a minha prática na Ala de Internação para doentes psiquiátricos de um Hospital Geral. Longos anos passados com grande interesse por uma clínica que não se conforma com o dispositivo que Freud idealizou para as neuroses, deram à minha prática uma flexibilidade que valorizo.

Reinventar, a cada vez, uma estratégia de sustentação da clínica da loucura, fortaleceu o artesanato que se impõe, a cada novo analisando, independentemente da estrutura em questão.

Avancei com o trabalho virtual convencida de uma prática que conheço. Os analisandos reinventaram a cena: ligaram-se no sótão, no carro, no escritório, na praça.

A possibilidade de encontro com o analista possibilitou escapar, ao menos por um momento, do confinamento opressor e sustentar a cura.

Que ética para a prática psicanalítica hoje?

No quadro de uma política que é a política do desejo, a política do sintoma, o analista pode operar mais livremente em suas táticas do que em sua estratégia.

Lacan modificou o tempo das sessões, flexibilizou o enquadre estabelecido e forneceu seus fundamentos.

A variante do espaço virtual obriga-nos a parar e apresentar as razões que nos podem autorizar a sustentar esta prática.

A variação do dispositivo exige que questionemos, no quadro da função de desejo do analista, os conceitos de presença, *semblant*, corpo.

Como pensar a presença no espaço virtual?

A presença na virtualidade não é *in absentia*.

O que entendemos por presença? a presença dos corpos?

A presença do analista é uma manifestação do inconsciente.

“(…) o importante é o confronto dos corpos” — ensina Lacan — “Justamente por partir desse encontro dos corpos, estes estão fora do jogo, uma vez que entramos no discurso analítico. Se existe o discurso analítico, é porque o analista em *corps*, com toda a ambigüidade que esse termo causa, instala o objeto a no lugar do semblante.”⁵

A presença virtual possibilita a mesma operatória da presença real como suporte do ato analítico?

A presença é uma manifestação do inconsciente no limite do interpretável: “A captura do próprio analista no vazio do a que constitui justamente o ininterpretável. Tudo o que é ininterpretável na análise é a presença do analista.”⁶

Essa presença só se verifica se analisando e analista se encontram no espaço real?

O analista em *corps*, com toda a ambigüidade que esse termo causa, diz Lacan.

De que corpo estamos falando? O corpo em psicanálise não é igual ao organismo. Lacan oferece escritos para pensar o corpo na psicanálise desde o início de sua obra.

"Corpo" está escrito no nó borromeu no anel do imaginário. Um corpo imaginário enodado ao simbólico e ao real. Três anéis, três cordas da mesma consistência.

Há um corpo do imaginário, um corpo do simbólico que é *lalíngua*, e um corpo do real.

O corpo é matéria topológica. Nós, toros, tecelagem, trama, tecido onde intervir numa análise.

O corpo em psicanálise é um corpo que goza.

Um corpo falante onde o corpo narcísico se enrosca no corpo pulsional.

Um corpo onde nidificam os vestígios da *lalíngua*. Um corpo que reage ao impacto da voz.

⁵ Jacques Lacan. *...o pior: Seminário XIX (1971-1972)*. Buenos Aires: Paidós, 2012. pág. 224. A tradução é nossa

⁶ *Ibidem*. pág. 226.

“as pulsões são, no corpo, o eco do fato de que há um dizer”.⁷ Para que esse dizer ressoe é necessário um corpo sensível que responda à marca da voz. A pulsão invocante modela o corpo pulsional. Porque eu ouço, eu gozo.

A voz também ressoa no encontro virtual e no encontro telefônico.

É o instrumento do analista que aposta em modular, temperar, aliviar, atenuar o gozo ordenado pelo supereu.

A aposta do analista é conseguir ocupar o lugar do *semblant* e fazer reinar ali o objeto *a*.

É a partir do lugar do *semblant* que o gozo pode ser questionado, evocado, assediado, elaborado.

A voz, objeto *a*, no lugar do *semblant* é o instrumento dessa operação.

O espaço virtual abriga a voz e o olhar. O olhar é deixado de lado, requer apenas um giro da câmera.

Os outros objetos pulsionais são recortados no plano do dizer. Não se trabalha com eles, estão condenados à abstinência. Só pode ser operado com palavras, com a voz. Analisando e analista trocam apenas palavras.

Diga-se, oportunidade de um acontecimento no plano do dizer. Acontecimento que mexe com o corpo, para desfazer com palavras o que foi feito de palavras.

Terminado o confinamento, é hora de voltar ao espaço real. Permanece a dúvida sobre as análises que não podem retornar à cena presencial.

Tempo de leitura, tempo de compreender os efeitos de nosso ato na direção das curas que realizamos.

Sustentar as questões que a nossa prática suscita, apostando no diálogo fecundo que o passo à extensão permite; na aposta a cada dia, de reinventar a psicanálise.

⁷ Jacques Lacan. *O Seminário, Livro 23: O sinthoma (1974-1975)*. Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 2007. pág. 18.